



Bem Viver e Ecosocioeconomias: uma síntese¹

Good Living and Eco-social Economy: a synthesis

Carlos Alberto Cioce SAMPAIO^{1,2,3,4*}, Craig David PARKS⁵, Oklinger MANTOVANELI Jr.², Robert Joseph QUINLAN⁶, Liliane Cristine Schlemer ALCÂNTARA⁷

¹ Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil.

² Programas de Pós-Graduação em Gestão Ambiental, Universidade Positivo, Curitiba, PR, Brasil.

³ Programas de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

⁴ Fulbright Visiting Scholar, Washington State University, USA.

⁵ Psychology Department, Washington State University, USA.

⁶ Anthropology Department, Washington State University, USA.

⁷ Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, MT, Brasil.

* E-mail de contato: carlos.cioce@gmail.com

RESUMO: Diante do fenômeno das mudanças climáticas, não faz sentido discutir Bem Viver (BV) subjetivamente, sem correlacioná-lo ao significado de bem comum. O objetivo é dialogar sobre o tema do Bem Viver em perspectiva intergeracional na dialética entre subjetividade e bem comum, homem-natureza, considerados como falsos binômios. Trata-se de um ensaio. O BV, mais do que condição material, socioeducacional e de saúde, é estado particular de felicidade, no qual vigoram padrões culturais distintos. Não se nega abstrair a lógica econômica – na qual o sujeito calcula consequências individuais, mas releva territorialmente o bem comum –, e não é ela hegemônica ou mesmo determinante nos processos de produção e reprodução humana, dos quais resulta o sujeito esvaziado. Por fim, o BV não pode ficar relegado a conquistas de outras gerações ou ainda a um modo de vida “cool”, desresponsabilizado e descontextualizado em relação a gerações futuras. Subjetividade e bem comum podem se reconciliar no plano de uma esfera societária que não seja reduzida a mero cálculo e em que o ser humano não abra mão, nem ao outro (política) nem a si (psique), da produção de caminho ecosocioeconômico, o que constitui uma vida humana associada que

¹ Este ensaio é um estrato do artigo publicado Sampaio, C. A. C.; Parks, C.; Mantovanelli Jr., O.; Quinlan, R.; Alcântara, L. Bem viver e ecosocioeconomia: entre subjetividade e o bem comum. *Saúde e Sociedade*, 26(1), 40-50, 2017, que serviu de base da palestra proferida pelo primeiro autor no seminário comemorativo dos 22 anos do Programa de Pós-Graduação de Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR, realizado de 14 a 15 de outubro de 2015.

não relegue sistemicamente o seu próprio processo de socialização.

Palavras-chave: Bem Viver; dinâmica socioambiental; subjetividade; bem comum.

ABSTRACT: Faced with the phenomenon of climate change, it is not reasonable to discuss Good Living (GL) subjectively, without correlating it with the meaning of common good. The aim is to discuss the theme of Good Living adopting an intergenerational perspective within the dialectic relationship between subjectivity and the common good, man and nature, erroneously considered to be as irreconcilable concepts. This is to be considered as an essay. GL, more than a material, socio-educational and health estates, is a particular state of happiness, consisting of distinct cultural patterns. The abstraction from the economic logic - in which the subject calculates individual consequences, but territorially ignores the common good - is not denied, and neither is it hegemonic or even determinant in the processes of human production and reproduction, from which an emptied subject results. Finally, GL can not be relegated to the achievements of other generations or to a "cool" way of life, deemed as not responsible and decontextualized in relation to future generations. Subjectivity and the common good can reconcile in a public sphere that is not reduced to mere calculation and in which the human being does not relinquishes, neither in favor of others (politics) nor of the self (psyche), the production of the eco-socio-economic path, which is what constitutes an integrated human life that does not systematically relegate its own process of socialization.

Keywords: Good Living; socio-environmental dynamics; subjectivity; common good.

1. Introdução

O projeto civilizacional cuja perspectiva prepondera no presente oferece perspectivas de mudança ou permanência social sem problematizar os fundamentos primordiais da sociedade de consumo. Nele, consumir produtos ou serviços ofereceria à vida humana associada uma qualificação positivamente diferenciada. O bem e a virtude estariam a serviço dessa máxima e o poder de compra (mercadores) suplantaria o ser pelo ter. Essa confusão entre Viver para Ter e o Bem Viver (BV) descaracteriza as necessidades individuais fundamentais e as coloca a mercê de um social liquefeito e opaco. A qualificação ética da vida pela virtude ou, o bem, traveste-se inconsequentemente de uma moralidade consumista, asséptica e problemática no aspecto ecológico-social-ambiental.

Complexando a problemática, destaca-se o fenômeno das mudanças climáticas, didaticamente compreendido pelo aquecimento global do clima. Nele se coloca em risco, em espaço temporal cronológico relativamente curto (até o século XXII), o que se convencionou denominar desenvolvimento sustentável, implicando não apenas o alcance do BV individual, mas também o bem comum. O que se faz indagar, em um cálculo de consequências tipicamente utilitarista (Bentham, 2007; Mill, 2010), é se, nessa perspectiva, há satisfação individual virtuosa que não permaneça atrelada ao bem comum.

Há um conjunto de esforços ainda incipientes, denominado aqui Ecosocioeconomias Urbanas, o qual se acredita trazer aprendizados para compreender os antecedentes da crise ambiental, cujo pressuposto se baseia nas mesmas assimetrias que existem entre homem e natureza – derivadas do antropocentrismo –, que presidem a relação ho-

mem x homem, e que conduzem à desigualdade social (Laville, 2003). Acredita-se que a solução do problema passa por uma percepção de que a racionalidade econômica, individual e coletiva predominante deva ser problematizada diante do que se sinaliza como efeitos das mudanças climáticas. As ecossocioeconomias tratam de um campo fértil de pesquisa para se ter contato e aprofundar experiências que possam trazer aprendizados na relação entre interesses individuais e bem comum (Parks *et al.*, 2013).

Ainda que se reconheça o debate clássico latino americano sobre Bem Viver que trata sobre decolonialidade, o objetivo deste *paper* é dialogar sobre o tema do Bem Viver em perspectiva intergeracional na dialética entre subjetividade e bem comum, homem-natureza, considerados como falsos binômios. Trata-se de um ensaio, que sistematiza um conjunto de esforços compreendidos na leitura, pesquisa de campo e cooperação científica interuniversitária e internacional, mediados por agências e IES nacionais e internacionais².

2. Dinâmica socioambiental: pressuposto para o Bem Viver

O tema das mudanças climáticas deriva diretamente da assimetria na dinâmica social e ecológica (IPCC, 2013). Decorre de duas afirmações: *não retirar dos ecossistemas mais do que sua capacidade de regeneração; não lançar aos ecossistemas mais que a sua capacidade de absorção* (Fernandes & Sampaio, 2008, p. 89). O que sugere dizer *que a*

natureza não tem problemas e, se os tem, eles são inerentes à sua dinâmica, e resolvidos por ela (p. 89). Em outras palavras, os sistemas sociais prevalecem ou perpassam pelos sistemas ecológicos. Talmanha dessimetria se reproduz também em grupos sociais, étnicos e classes econômicas.

O conceito de BV não se restringe à visão ingênua ou egocêntrica (Mason & O'Mahony, 2007; Chalofski & Cavallaro, 2013), mas a condicionantes éticos, à emancipação humana, à dinâmica social e ao meio no qual se vive. Não faz sentido sacrificar, então, sistemas ecológicos para promover o BV (Merchant, 1999). Não faz sentido tratar a emancipação humana nesses termos nem sacrificar a emancipação de alguns (geração atual) em detrimento de outros (geração futura) (Lyons, 2008).

3. Bem Viver e Qualidade de Vida

O Bem Viver (BV) é uma expressão carregada de significado subjetivo, no entanto, não isento da conotação objetiva de qualidade de vida (QV). Ela pode ser quantificada por indicadores de renda *per capita*, ainda que não seja assegurado que alguém com padrão de vida econômico maior que outrem reconheça a si próprio o que designa por BV. Da mesma forma que anos de escolaridade possam proporcionar e analiticamente designar QV, tal designação não sugere necessariamente que um indivíduo possa se realizar plenamente com a educação formal, assegurando o BV. Ainda, embora o acesso à saúde pública gratuita possa indicar QV, isso não assegura que as pessoas tenham BV, mes-

² Este trabalho contou com o apoio da Fullbright-CAPES Visting Scholar Scholar Program, no qual se realizou o presente trabalho no âmbito da Washington State University, Pullman, e da DePaul University, Chicago, em 2015, e do CNPq por meio de bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ).

mo porque elas podem possuir hábitos de vida não saudáveis, bem como colocar em risco suas vidas ao se medicarem ou consumirem entorpecentes, aditivos químicos alimentícios etc. (Sirgy *et al.*, 2009; Antonioni *et al.*, 2010).

Clássico exemplo de indicador que distorce informação por ele agregada, é o próprio Produto Interno Bruto (PIB) que sugere medição da riqueza de dado território. Para Smith & Max-Neef (2011), o PIB considera tanto impactos negativos, por exemplo, custos de acidentes de trânsito, quanto positivos, como investimentos em educação. Não inclui, porém, o trabalho não remunerado, doméstico, que reproduz a própria vida, nem a potencialidade dos serviços ecossistêmicos de produzir riqueza.

No entanto, há iniciativas qualificadas de medição de indicadores agregados, como o índice Viver Melhor da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD, 2014), que congrega informações sobre moradia, renda, emprego, comunidade, educação, meio ambiente, engajamento cívico, saúde, satisfação pessoal, segurança e vida/trabalho, bem como o indicador de Desenvolvimento Humano do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP, 2014), que agrupa informações sobre longevidade, educação e rendimento.

O BV, mais do que uma condição material, socioeducacional e de saúde, como anteriormente referenciado, é um estado particular de felicidade, no qual vigoram padrões culturais distintos, nos quais desfrutar um copo de vinho pode possuir

definição moralmente aceitável ou inaceitável. É falacioso subentender, em termos de políticas públicas, que não possuir anos de escolaridade formal implique necessariamente um obstáculo à busca da felicidade se não valorizar as possibilidades de aprendizado pela educação não formal e informal, do conhecimento tradicional ou tecnologias com identidade própria a um determinado lugar (Tuan, 1974; Berkes, 1999).

O que aproxima o BV e a QV, mesmo por diferenças subjetivas e objetivas de concepção, é o fato de que ambos requerem parâmetro coletivo (compreendido como bem comum), no sentido de correlacioná-los com estudos e análises comparativas, tais como prescindem os indicadores de sustentabilidade (Gabrielsen & Bosch, 2003; Quiroga, 2001; Wackernagel & Rees, 1996).

Países europeus, conhecidos por fomentarem políticas de bem-estar social, bem como municípios que implementam boas práticas de mobilidade urbana, como Copenhague, na Dinamarca (Silva *et al.*, 2017), Portland, nos EUA, Maastricht, na Holanda (Zacarias & Castro, 2014) e Hersbruck, na Alemanha (Ceccato & Strapasson, 2014) priorizam ciclovias, convertendo-as em estratégias de desenvolvimento social e sustentavelmente inclusivas (Gudmundsson & Höjer, 1996). Merece destaque, nessa acepção, a ecovila ou *ecovillage* da experiência de Findhor³ (Escócia), cujas comunidades sustentáveis conservam dinâmicas ecossistêmicas à escala humana (transdisciplinar⁴) (Mollison & Holmgren, 1978; Dawson, 2006).

³ Turbay, A. L. B.; Freitas, L. C. B. *A experiência das ecovilas para áreas de proteção ambiental na região metropolitana de Curitiba*. Curitiba: PUCPR/Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana/Disciplina Ecosocioeconomia e Gestão de Redes de Governança, 2014.

⁴ A visão transdisciplinar sugere que problemas mais significativos contemporâneos não serão resolvidos de maneira disciplinar, mesmo porque se tornaram problemas exatamente por ausência de visão complexa da realidade. O desafio do método transdisciplinar é desfazer o feitiço que se tem pela especialização. Enfim, é um método de construção de conhecimento, perpassando pelas ciências até então conhecidas, partindo de

4. Subjetividade e Bem Comum

Bem comum ou comunidade remete ao significado de lugar, espaço concreto em que as pessoas se encontram, dialogam, convivem (Bauman, 2013). A intersubjetividade, em sua plenitude, realiza-se no plano territorial (Azkarraga, 2010).

Por essa perspectiva, não faz sentido dicotomizar subjetividade e bem comum, como se tratassem de realidades distintas. A sociedade de consumo, sob tal perspectiva, possui uma intersubjetividade esvaziada e desterritorializada (Smith & Max-Neef, 2011; Pecqueur, 2014). Um não lugar (Auge, 2002), não preenchido na representação de sujeito cognoscente em seu próprio mundo (Santos, 1997). Bauman (2003) admite dificuldades da vida em comunidade na atualidade. Paraíso perdido, difícil de encontrar nos grandes espaços urbanos, com identidade fugidia quanto ao sentido da vida, o que se chama de Bem Viver (Illich, 1973).

Há um mal-entendido quanto à subjetividade ser sinônimo de individualismo. Personalismo egocêntrico difere de individualidade, que modifica comunidade e território (Maturana & Varela, 1987). Em comunidade, o BV do indivíduo depende do BV dos demais. Trata-se do princípio da convivencialidade (Illich, 1973). A própria compreensão de uso do tempo pode ser utilizada como exemplo de proximidade entre subjetividade e bem comum. Sachs (1974) sugere que a maneira a qual uma sociedade estabelece seu uso do tempo determina também seu modo de vida. As *slowcities* Levanto (Mendonça & Macoppi, 2014) e Bolzano, na Itália, adotaram polí-

ticas governamentais de BV que sugerem estilo de vida associado ao uso do tempo substantivo, resgate ao que faziam gerações anteriores (Sampaio *et al.*, 2014). Viver em ritmo lento sugere viver em ritmo balanceado: *Mens sana in corpore sano*. Equilíbrio necessário ao BV, sugerindo lentidão, não como estagnação, mas como desaceleração do ritmo de vida, desassociando tempo produtivo econômico como se apenas dele emanasse felicidade (Sampaio *et al.*, 2014).

5. Considerações finais

É claro que se pode experimentar mais lentamente o mesmo processo que desafia a si e acreditar que o caminho que se está percorrendo é outro. O que coloca o debate aqui proposto, quase como uma ode ao desafio, em primeiro lugar o da resistência, debate clássico latino americano sobre o Bem Viver, e em segundo lugar da superação por mecanismos que sejam capazes de colocar em suspensão, fenomenologicamente, os fios frouxos do tecido social, o qual teima em requerer o seu tear com as mesmas e já carcomidas agulhas. Não há como falar em Bem Viver e qualidade de vida sem considerar a tensão fundamental entre a contradição da ética da convicção e da responsabilidade. Nisso, a questão do indivíduo é fundamental e precisa ser resolvida no âmbito do debate sobre ecossocioeconomias.

Dito de outra forma, grandes impasses expressos nas obras de expoentes como Polanyi (2012), Ramos (1981) ou mais recentemente Bauman (2013) são consequências do absoluto de merca-

uma problemática/complexidade que se deseja compreender bem como resolver, podendo inclusive criar novos campos de conhecimento que, até então, não se faziam necessários ou que surgiram de conexões de disciplinas e de seus desdobramentos que ainda não existiam (Nicolescu, 2002).

do, do qual deriva a sociedade atual. Com ela, a prevalência de um modo de o indivíduo ver e se posicionar no mundo alheio a si mesmo, impregnado pelo fetiche da mercadoria e da técnica, implica uma sujeição nunca antes experimentada da psique humana aos imperativos sociais, no caso determinados pela racionalidade instrumental (Weber, 1978) e presidida pela ética da responsabilidade. Autores que conclamam o novo humanismo, como Paula (2004), e o resgate da subjetividade compartilham a percepção de Ramos (1981) de que a voz do dono dista do dono da voz, como brincavam os versos de Chico Buarque. Guardadas proporções da metáfora artística, Ramos realizou obra exercitando teorização da vida capaz de resgatar, no humanismo clássico, o sentido da indissociabilidade entre pensamento e ação como elemento resultante da luta por uma razão centrada no sujeito.

Falar em Bem Viver, Qualidade de Vida e índices de aferição dessas categorias, de outro modo, seria apenas produzir constatações ingênuas do quão caminha o estado de sujeição ao processo de alienação que implica vida sem ação, juízo ético

que interroge caminho e distinga o sentido de um bem (viver) e um mal (viver). Ou seja, em dado nexos seria o clássico resgate da ética da convicção ao lado da ética da responsabilidade como elemento importante à ideia de emancipação humana e a capacidade de o homem tê-la como intenção em sua vida, e elas, emancipação e intenção, como premissas ao bem viver. Nesse plano, Qualidade de Vida implica a superação das contingências ideológicas que subvertem a psique humana e servem de substrato alienante nos absolutos da sociedade de mercado.

O bem viver não pode em hipótese alguma ser confundido com o modo de vida rebaixado, “cool” (Balman, 2013, p. 51). A subjetividade e o bem comum só podem se reconciliar no plano de uma sociedade que não seja meramente calculista e na qual o homem não destitua, nem ao outro (política) nem a si (psique) na produção de um caminho ecossocioeconomicamente engajado no caráter problemático de uma vida humana associada que não pode destituir, como elemento estruturante, o seu próprio processo de socialização.

Referências

- Antonioni, S.; Gemini, L.; Mazzoli, L. *Gazes on Levanto: a case study on how local identity could become part of the touristic supply*. Tourism and Visual Culture, Urbino, V.1, eds P. Burns, C. Palmer and J-A. Lester. 2010.
- Auge, M. *Non luoghi*. Milano: Eleuthera, 2002.
- Azkarraga, E. J. *Educación, sociedad y transformación cooperativa*. Eskoriatza: Instituto de Estudios Cooperativos Lanki/Universidad di Mondragon, 2010.
- Bauman, Z. *Community: Seeking safety in an insecure world*. NW: John Wiley & Sons, 2013.
- Berkes, F. *Sacred ecology: traditional ecological knowledge and resource management*. Philadelphia, PA: Taylor & Francis, 1999.
- Bentham, J. *An introduction to the principles of morals and legislation*. N. Chelmsford (MA): Courier Corporation, 2007.
- Ceccato, M. W.; Strapasson, E. V. L. *Slow city: qualidade de vida, cultura e turismo*. Curitiba: UFPR/Programa de Pós-Graduação em Turismo/Disciplina Turismo, Sociedade e Meio Ambiente, 2014.

- Chalofsky, N.; Cavallaro, L. A good living versus a good life: meaning, purpose and HRD. *Advances in Developing Human Resources*, 15(4), 331-340, 2013.
- Dawson, J. *Ecovillages: New Frontiers for Sustainability*. Schumacher Briefings. Dartington, Totnes: Green Books, 2006.
- Fernandes, V.; Sampaio, C. A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? a natureza da relação sociedade/meio ambiente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 18, 87-94, 2008.
- Gabrielsen, P.; Bosch, P. *Environmental indicators: typology and use in Reporting*. EEA internal working paper, 2003.
- Gudmundsson, H.; Höjer, M. Sustainable development principles and their implications for transport. *Ecological Economics*, 19, 269-282, 1996.
- Illich, I. *Tools for conviviality*. New York: Harper & Row, 1973.
- IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change. *Climate change 2013: the physical science basis (GT I)*. New York: Cambridge University Press, 2013.
- Laville, J. L. A new european socioeconomic perspective. *Review of Social Economy*, 61(3), 2003.
- Lyons, C. O. Listening to natural law. In: Nelson, M. K. (Ed.). *Original instructions: indigenous teachings for a sustainable future*. Rochester, VE: Bear & Company, 2008, p. 22-26.
- Mason, R.; O'Mahony, B. On the trail of food and wine: The tourist search for meaningful experience. *Annals of Leisure Research*, 10(3-4), 498-517, 2007.
- Maturana, H. R.; Varela, F. J. *The tree of knowledge: the biological roots of human understanding*. Boston (MA): New Science Library/Shambhala Publications, 1987.
- Mendonça, C. V.; Macoppi, G. U. *Slow city: uma abordagem de turismo comunitário e sustentável. Modelo aplicado em Levanto - Italia*. Curitiba: UFPR/Programa de Pós-Graduação em Turismo/Disciplina Turismo, Sociedade e Meio Ambiente, 2014.
- Merchant, C. Partnership ethics and cultural discourse: women and the earth summit. In: Fisher, F.; Hajer, M. A. *Living with nature: environmental politics as cultural discourse*. New York: Oxford University Press, 1999.
- Mill, J. S. *Utilitarianism*. Tonawanda (NW): Broadview Press, 2010.
- Mollison, B.; Holmgren, D. *Permaculture one*. London: Transworld Publishers, 1978.
- Nicolescu, B. *Manifesto of transdisciplinarity*. Albany: Suny Press, 2002.
- OECD – The Organization for Economic Co-operation and Development. *OECD Better Life Index*. Paris: OECD, 2014. Disponível in: <<http://www.oecdbetterlifeindex.org/>>. Access in: may 7, 2015.
- Parks, C. D.; Joireman, J.; Lange, P. A. M. V. Cooperation, trust, and antagonism: how public goods are promoted. *Psychological Science in the Public Interest*, 14(3), 119-16, 2013.
- Paula, A. P. de P. *Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento crítico de um sociólogo crítico das organizações*. ENEO 2004. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo2004-013.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.
- Pecqueur, B. Esquisse d'une géographie économique territoriale. *L'Espace géographique*, 3(43), 198-214, 2014.
- Polany, K. *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- Quiroga, R. *Indicadores de sostenibilidad ambiental y de desarrollo sostenible: Estado del Arte y perspectivas*. CEPAL, Santiago de Chile, 2001.
- Ramos, A. G. *The new science of organizations: a reconceptualization of the wealth of nations*. Toronto: University of Toronto Press, 1981.
- Sachs, I. Environment and styles of development. *Economic and Political Weekly*, 9(21), 828, 1974.
- Sampaio, C. A. C.; Ceccato, M. W.; Mendonça, C. V.; Rehme, G. *Slow city: como proposta de desenvolvimento territorial sustentável In: Seminário Internacional Culturas e Desenvolvimento*, 2014, Chapecó (SC). Anais ..., Chapecó: Argos, 2014. p. 1721-1735.
- Santos, M. *La nature de l'espace: technique et temp. Raison et Émotion*. L'Harmattan, Paris, 1997.

-
- Silva, J. M. M. da; Oliveira, J. G. B. de; Bohn, L.; Sampaio, C. A. C. Cyklistforbundet: da ecossocioeconomia à convivencialidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 41, 19-39, 2017.
- Sirgy, M. J.; Phillips, R.; Rahtz, A. R. *Community quality-of-life indicators: best cases III*, New York, Springer, 2009.
- Smith, P. B.; Max-Neef, M. *Economics unmasked: from power and greed to compassion and the common good*. Cambridge: Green Books, 2011.
- Tuan, Y. *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974.
- UNDP – United Nations Development Programme. *Human development index (HDI) 2014*. New York: UNDP, 2014.
- Wackernagel, M.; Rees, W. *Our ecological footprint*. Gabriola Island, BC/ Stony Creek, CT: New Society Publishers, 1996.
- Weber, M. *Economy and society: An outline of interpretive sociology*. Oakland: University of California Press, 1978.
- Zacharias, A. C.; Castro, M. C. S. *Mobilidade ciclovária como uma alternativa de promoção do turismo comunitário: o caso de Maastricht (Holanda)*. Curitiba: UFPR/Programa de Pós-Graduação em Turismo/Disciplina Turismo, Sociedade e Meio Ambiente, 2014.